

VIII-032 - A IMPORTÂNCIA DO DESTINO ADEQUADO DOS ESGOTOS SANITÁRIOS: PERCEPÇÕES DE MORADORAS DE ANCHIETA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Sara Ramos da Silva⁽¹⁾

Engenheira Civil. Doutora em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Professora da Coordenadoria de Saneamento Ambiental do Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes.

Livia Meneghel de Almeida

Tecnóloga em Saneamento Ambiental pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Bióloga pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da UFES.

Luziene Zucolotto Honorato

Tecnóloga em Saneamento Ambiental pelo Instituto Federal do Espírito Santo.

Endereço⁽¹⁾: Av. Vitória, 1729, Jucutuquara - Vitória - ES - CEP: 29.040 - 780 - Brasil - Coordenadoria de Saneamento Ambiental - Tel: (27) 3331 - 2237 - e-mail: sara@ifes.edu.br

RESUMO

Os principais problemas sanitários que afetam a saúde da população mundial têm relação direta com o meio ambiente, o que torna a compreensão dessa relação imprescindível para o planejamento dos serviços de saneamento e para a implementação de ações de promoção da saúde. Assim, buscou-se investigar as percepções de um grupo de moradoras de Anchieta, Espírito Santo, sobre a importância do destino adequado dos esgotos sanitários e sua associação com a ocorrência de doenças, de forma a contribuir com subsídios advindos do saber popular na gestão dos serviços de saúde e saneamento. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa com o emprego da estratégia do Discurso do Sujeito Coletivo. Os resultados apontam principalmente para o entendimento da associação entre as condições sanitárias e a ocorrência de doenças e certa insatisfação com o atual destino dado ao esgoto sanitário. Esses resultados apontam para a necessidade de investimentos na implantação de serviço público de coleta e tratamento de esgoto no bairro, baseadas em ações direcionadas para a prevenção de doenças e de promoção da saúde, como também possibilitar uma participação efetiva dos moradores na gestão do serviço de saneamento.

PALAVRAS-CHAVE: Condições sanitárias, Diarréia, Discurso do Sujeito Coletivo, Esgoto sanitário.

INTRODUÇÃO

O entendimento da relação entre saneamento e saúde pública constitui um pressuposto fundamental para planejar os sistemas de saneamento em centros urbanos, e tomar medidas de prevenção e controle da ocorrência de doenças de veiculação hídrica, proporcionando uma melhoria da qualidade de vida para a população e evitando a sobrecarga dos serviços de saúde com essas enfermidades (SOARES *et al.*, 2002).

Heller (1997) apresenta uma vasta revisão na literatura sobre a associação entre as ações de saneamento e a saúde e a partir desses estudos afirma que há melhoria dos indicadores em saúde pública em função dessas intervenções. Martins *et al.* (2002) relatam que as principais enfermidades adquiridas em virtude da falta de saneamento no Brasil são as infecciosas intestinais e as helmintíases, que atingem principalmente as crianças das famílias de baixa renda.

O objetivo dessa pesquisa foi investigar as percepções de um grupo de moradoras de Anchieta, Espírito Santo, sobre a importância do destino adequado dos esgotos sanitários e sua associação com a ocorrência de doenças, de forma a contribuir com subsídios advindos do saber popular na gestão dos serviços de saúde e saneamento.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Santa Casa de Misericórdia (EMESCAM) e desenvolvida no município de Anchieta, Espírito Santo.

A área escolhida para o estudo foi o bairro Recanto do Sol, localizado no distrito de Iriri, no município de Anchieta, no Espírito Santo. Tal escolha deu-se por a localidade possuir uma Unidade de Saúde (US), ser atendida por uma equipe do Programa da Saúde da Família (ESF), por ter registros contínuos e disponíveis do Programa de Monitorização de Doenças Diarréicas Agudas (MDDA) no ano de 2008, não contar com o serviço de coleta e tratamento de esgoto sanitário e apresentar maior incidência de diarreia entre os bairros do município.

As participantes do grupo de estudo foram escolhidas intencionalmente, com a ajuda de agentes de saúde da equipe do ESF responsável pela comunidade. Os critérios utilizados para a escolha das participantes foram: pessoas do sexo feminino, por serem na maioria das vezes as responsáveis pelo cuidado da casa e das crianças; ter pelo menos uma criança com idade entre 0 e 4 anos, faixa etária utilizada para coleta de dados do MDDA que apresenta maior risco de ocorrência de diarreia; residir por um período mínimo de 10 anos na região, o que proporciona um maior conhecimento do bairro, suas características e problemas, e que aceitassem participar da pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada abordagem qualitativa com a aplicação da estratégia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposta por Lefèvre e Lefèvre (2005). Segundo esses autores, os discursos dos sujeitos não se perdem ou se reduzem a uma categoria unificadora, o que se busca é a reconstrução, com pedaços de discursos, como se fosse um quebra-cabeça, de discursos-síntese que expressem uma representação social sobre o fenômeno. Para organizar depoimentos e demais discursos são utilizadas quatro figuras metodológicas, sendo elas: a ancoragem (A), a idéia central (IC), as expressões-chave (ECH) e DSC.

O roteiro de entrevistas utilizado para este estudo foi elaborado, testado e reformulado. O teste foi realizado na última quinzena de outubro de 2008, durante todo o dia. Todas as moradoras selecionadas, após ouvirem os esclarecimentos sobre o objetivo e requisitos necessários à realização das entrevistas, aceitaram prontamente participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas na residência das moradoras, individualmente, gravadas e posteriormente transcritas integralmente para a interpretação e análise.

RESULTADOS

O grupo escolhido foi composto de 14 mulheres com faixa etária variando entre 21 e 54 anos e a idade média de 31,5 anos. Em todos os domicílios visitados os efluentes são lançados em fossa séptica, construída no próprio quintal das moradoras. Os discursos foram construídos a partir dos depoimentos gravados e estão apresentados sem correções gramaticais.

O Bairro Recanto do Sol não possui sistema público de esgoto sanitário. Em todos os domicílios visitados os efluentes são lançados em fossa séptica construída no próprio quintal das residências, conforme relatos nas entrevistas. Esse bairro apresentou maior ocorrência de diarreia dentro do município de Anchieta/ES em 2008, com uma média de cerca de 5 casos por mês.

As opiniões das entrevistadas com relação ao destino do esgoto sanitário gerado em suas residências apresentaram diferentes idéias centrais, todavia a maioria delas indicou certa insatisfação em relação ao destino atual do esgoto sanitário. Apenas uma idéia central apontou que a fossa séptica é uma boa solução a ser dada para os efluentes. Quase metade das entrevistadas (6/14) declarou que é preciso uma solução melhor, pois acreditam que com uma rede de esgoto, o contato com os efluentes será menor e o tratamento será mais eficaz.

Ah, a gente precisa de ter um... Uma coisa melhor, um lugar para gente jogar a água, uma caixinha. Eu não entendo muito desses negócio não, mas eu acho que seria melhor que tivesse esgoto, uma coisa que não estaria perto da gente. Ah, sem dúvida, seria um tratamento mais eficaz, para o meio ambiente, para o meu filho. Porque ninguém precisaria de ter fossa, não é? É... O que eu acho, é que eles deveriam tomar uma atitude. De fazer uma rede de esgoto.

Percebe-se certa insegurança das entrevistadas para falar sobre o assunto quando dizem não possuir conhecimentos técnicos sobre o esgotamento sanitário, mas mostram um descontentamento com a situação atual. Elas demonstram que sabem que existem outras possibilidades mais seguras e eficazes para destinar os efluentes domésticos. Existe uma idéia de que a proximidade do esgoto (por ser destinado no próprio terreno da casa) pode trazer algum tipo de prejuízo à sua família e ao meio ambiente, ficando clara a consciência das entrevistadas da importância de um destino adequado aos efluentes domésticos.

Silva (2007, f. 161) registra discursos semelhantes de moradores de uma área que tinha os seus efluentes lançados diretamente no mar ou a céu aberto: “Esgoto? (risos) Não temos rede de esgoto aqui. Cai em céu aberto, aqui em baixo na buraca. Eu acho um absurdo, né? Eu acho que não é certo, o esgoto correr a céu aberto... Tem que realmente tem que ter aquele tratamento do esgoto”.

Ao contrário dos sistemas de abastecimento de água, que já atingem uma parcela considerável da população brasileira, os sistemas de tratamento de esgoto doméstico ainda não são tão populares. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, em todo o Brasil, informa que apenas 51,3% dos domicílios dispunham, em 2007, de esgotamento sanitário através de rede coletora e 22,3% utilizavam fossas sépticas, indicando inadequação clara ou inexistência do esgotamento sanitário no restante dos 26,4% dos domicílios (IBGE, 2007).

No Brasil, assim como na maior parte dos países da América Latina, a população urbana vem adquirindo acesso à água por meio de uma expansão precária, acima da capacidade das redes de abastecimento, sem que, por outro lado, sejam promovidos a coleta e o tratamento de esgotos. A combinação entre a universalização do acesso a redes de abastecimento de água e a crescente vulnerabilidade das fontes superficiais e subterrâneas de água pode, ao invés de proteger a população, magnificar os riscos à saúde, por meio da ampliação da população exposta a agentes químicos e biológicos (ANDREAZZI *et al.*, 2000).

É importante lembrar ainda, que apenas a implantação do sistema de esgotamento sanitário, sem as devidas medidas de educação ambiental para a população a ser atendida, pode levar ao fracasso do sistema, sem a ligação das moradias à rede, por falta de informação. O uso de sistema de esgotos requer uma mudança em muitos hábitos individuais no domínio privado da casa, para todos os membros da família (SILVA, 2007).

A disposição final do esgoto em fossa séptica na própria residência não é considerada uma boa solução para as entrevistadas, por necessitar de manutenção constante (5/14):

Incomoda, não é? Não só a mim, como os outros vizinhos também. Porque fossa é um negócio, enche sempre, tem que está sempre limpando, tem que dar um jeito de esgotar aquele negócio nojento! Aí, tem que estar chamando prefeitura, chamando carro, é um transtorno, não é? Porque aqui na rua é bem difícil, diz eles que a mangueira não dá aqui embaixo. Tem gente, por exemplo, tem a fossa, não usa a fossa para botar água de pia, porque enche muito. Não acho legal, se tivesse o saneamento básico seria melhor!

O discurso mostra o incômodo da solução adotada, por serem elas mesmas as responsáveis por realizar a manutenção da fossa. Para o bom funcionamento desse sistema, é necessário que o lodo gerado seja retirado periodicamente, evitando que a fossa encha e transborde (ABNT, 1993). Essa manutenção é feita por empresas especializadas a serviço da prefeitura, a partir da solicitação da moradora.

Todavia, uma das reclamações das entrevistadas é de que o serviço oferecido pela prefeitura, não é eficiente, e a demora no atendimento causa prejuízos à população (6/14):

Péssimo! Porque eles não vem limpar, não é? A fossa a gente tem que estar lá na prefeitura pedindo, para estar limpando. Aí, a gente vai procurar um carro para vir esgotar, você cansa! Porque a gente pede para eles esgotar uma fossa hoje, diz eles que só vai ter carro daqui há um mês, dois, para esgotar sua fossa que já está cheia hoje. Para esgotar fossa aqui dura quatro, cinco mês, seis mês. A gente pede, pede, pede e nunca que eles vem esgotar. Às vezes, a gente prefere jogar a água no meio das ruas para não encher a fossa logo.

Como as fossas sépticas são de pequeno volume e o acesso ao serviço de retirada do lodo é difícil, alguns moradores optam por não ligar os encanamentos da cozinha e da área de serviço na fossa. As entrevistadas acreditam que esses efluentes não são tão “sujos” quanto os do banheiro, e por isso podem ser lançados diretamente na rua, sem oferecer grandes prejuízos à população.

Além disso, algumas entrevistadas mostram uma preocupação com o esgoto que transborda da fossa, quando a mesma enche, ou durante alguma eventualidade (5/14):

Quando está cheia fica esburrando. Aí, estoura a água, estoura a fossa e a água vai... Desce para rua, não é? Que é um perigo para população! A rua aí em cima esburra direto na rua. A gente passa, às vezes criança vai e pisa. E continua sempre, mais uns dias e está esburrando. Quando dá a chuva, a água da fossa volta, começa a entrar para dentro de casa, e enche. Eu acho que eles deveriam cuidar mais, não é? Porque tem casa que tem criança, que eles deveriam olhar para esse lado aí.

Como os terrenos são pequenos, as fossas ficam bem próximas às residências, e quando chegam ao ponto de transbordar, o esgoto alcança o interior das residências, se tornando um perigo maior ainda. Na fala das entrevistadas é possível perceber essa consciência do risco à saúde que o esgoto a céu aberto provoca. Além disso, é possível observar a maior preocupação com as crianças.

Essa insatisfação da fossa devido aos problemas de manutenção, também foi constatada por Souza (2007, f. 99-100) em uma zona rural do interior do Rio de Janeiro: “Porque o negócio (a fossa) é lacrado. Aí como é que a pessoa vai abrir sem ter o carro de recolher (o lodo)?... Aí a gente tem que dá um jeito pra vim uma pessoa especialista pra fazer a limpeza... Com um ano ela encheu”.

As entrevistadas percebem que existe uma associação do esgoto que transborda pelas ruas e a ocorrência de doenças (5/14):

Ai, sei lá, deve transmitir doenças, não? Incomoda na nossa saúde, devido ao esgoto não ser bem tratado, não é? Esses problemas de fossa, e os negócio traz muita doença, não é? Ah, fica nojento, pega micose, não é? As crianças vai para o hospital, eles fala que é relaxamento da mãe, porque as criança véve no meio da rua. A gente não é culpado, culpado é quem deixa a água cair no meio da rua, porque tem como jogar na fossa como eu.

Os depoimentos apontam para um entendimento importante sobre a relação do destino inadequado dos efluentes domésticos com a ocorrência de doenças. É possível perceber ainda que as doenças que foram mais associadas com os esgotos são aquelas relacionadas com a pele. Essa visão pode ser justificada por uma facilidade em fazer esse tipo de associação, já que, geralmente, há um contato direto do local afetado com o esgoto em um momento anterior ao início da doença.

As entrevistadas reclamam também do mau cheiro provocado pela fossa (4/14):

Ah, é horrível, não é? Incomoda em tudo minha filha, incomoda o mau cheiro. Porque a fossa não tem suspiro, não é? Aí, nossa, quando está lavando, cai água lá na fossa, cheira, nossa, menina é horrível! Até mau cheiro no banheiro fica. Tem dia que a casa ninguém agüenta o mau cheiro que fica. É um cheiro insuportável!

E alegam que a mesma atrai insetos e outros animais (3/14):

Mosquito! Aqui dá muito mosquito, entendeu? Tem esses bichos, não têm uns búzios [caramujos], que está por aí agora? Que é febre desse negócio, e tem demais aqui no quintal. E dá muita barata também, vai para dentro de casa. Aí, a gente joga remédio dentro de casa, as barata sai, depois volta de novo. Para você vê, que isso também é muito horrível, não é? Você estar convivendo em um lugar que têm bichos, não é?

As falas das entrevistadas retratam a insatisfação das mesmas com as dificuldades e incômodos do dia-a-dia, ocasionados pela falta de um serviço de esgotamento adequado no bairro. Os animais atraídos pelo esgoto podem se tornar vetores de doenças e trazer mais risco para a saúde da população.

A reclamação do mau cheiro é recorrente em diversas pesquisas, como a de Souza (2007, f. 99) em que os moradores discursam sobre a implantação da fossa: “Começa a dar um cheirinho. Eu acho que ficou muito pior. Então já tivemos de desmanchar porque dava um mau cheiro dentro de casa”.

Em Recanto do Sol, uma outra entrevistada relaciona ainda o destino do esgoto com a poluição do meio ambiente, mais especificamente com o lençol freático (1/14):

Porque na fossa, eu acredito que querendo ou não fica sempre... Vai para o lençol freático, isso não é bom!

Apesar de não demonstrar saber como ocorre essa poluição, ou como isso vai prejudicar a população, a entrevistada mostra um conhecimento e uma preocupação com o assunto. O fato de apenas uma entrevistada ter se lembrado da poluição, pode ser justificado por não ser algo tão próximo a elas, ou que não interfira diretamente no cotidiano delas. No caso dos grupos estudados por Silva (2007) e Souza (2007) que dependem da pesca de mariscos, e da captação de água para irrigação e consumo próprio, respectivamente, este fator é lembrado com maior frequência.

Foi possível observar que a maioria das entrevistadas não acha adequado destino dos esgotos de suas casas. Todavia, há uma parcela das entrevistadas que acredita que a fossa é uma boa solução e que todos deveriam ter (3/14), se referindo àqueles que não possuem a fossa na residência e lança o esgoto a céu aberto:

Ah, a fossa ajuda bastante. Melhor do que ficar no fedor, no mau cheiro. Então, eu acho assim, da mesma forma que eu fiz uma fossa, mesmo emprensadinha, com dificuldade, acho que todo mundo poderia, não é? Ter um pouco mais de conscientização do que eles estão fazendo, prejudicando todo mundo, até eles mesmos, e fazer uma fossa, não é?

No discurso as entrevistadas lembram da dificuldade que passaram para conseguir construir a fossa, e acreditam que mesmo com uma fossa em condições desfavoráveis, fora dos padrões técnicos (*emprensadinha*), estão contribuindo para uma melhoria do local onde vivem. Elas comentam ainda que os moradores que lançam o esgoto a céu aberto não se esforçam para que a fossa seja construída, por isso se encontram nessa situação.

Apenas uma entrevistada, demonstrou desconhecimento total sobre o assunto e disse não saber o que achava sobre a fossa utilizada em sua residência:

Ah, eu não sei, não sei, eu não entendo disso.

Borchardt *et al.* (2003) em um estudo do tipo caso-controle com populações rurais que residem perto de uma cidade, no Estado de Wisconsin, Estados Unidos, identificaram o risco atribuído à densidade de fossas sépticas em determinado espaço para diarreias por vírus e por bactérias. Esses autores encontraram um incremento de 8% nas diarreias virais para cada fossa séptica adicional para uma área de 640 acres, e um incremento de 22% para as diarreias bacterianas por fossa adicional para uma área de 40 acres. Os autores sugerem que esses sistemas de esgoto são uma importante fonte de contaminação do solo e da água, tendo seus efeitos multiplicados pela dificuldade de manutenção e idade das instalações.

CONCLUSÕES

Os depoimentos mostram as condições sanitárias em que vivem as entrevistadas, onde reconhecem que essas não são adequadas à saúde. Todavia as participantes não têm informações suficientes para colocar em prática ações que poderiam garantir melhor nível de proteção à saúde. Aponta para a necessidade de investimentos na implantação de serviço público de coleta e tratamento de esgotos no bairro. Assim, esta pesquisa forneceu informações sobre a necessidade de investimento na melhoria das condições sanitárias do bairro, baseadas em ações direcionadas para a prevenção de doenças e de promoção da saúde, como também possibilitar uma participação efetiva dos moradores na gestão do serviço de saneamento.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a participação das moradoras de Recanto do Sol, ao apoio da equipe do PSF, das agentes de saúde, da Prefeitura Municipal de Anchieta, da Companhia Espírito Santense de Saneamento e do Instituto Federal do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDREAZZI, M. A. R.; BARCELLOS, C.; HACON, S. Velhos indicadores para novos problemas: a relação entre saneamento e saúde. *Rev Panam Salud Publica*, Washington, v. 22, n. 3, p. 211-217, set. 2007.
2. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT. NBR 7229 - Projeto, Construção e Operação de Sistemas de Tanques Sépticos. Rio de Janeiro, 1993. 15 p.
3. BORCHARDT, M. A.; CHYOU, P. H.; DEVRIES, E. O.; BELONGIA, E. A. Septic system density and infectious diarrhea in a defined population of children. *Environ Health Perspect*, v. 111, n. 5, p. 742-748, 2003.
4. HELLER, L. *Saneamento e Saúde*. Brasília: OPAS/OMS, Representação do Brasil, 1997a, 98p.
5. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Pesquisa nacional de saneamento básico*. Rio de Janeiro, 2007.
6. LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *O Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005. 255 p.
7. MARTINS, G. *et al.* Impacto do saneamento básico na saúde da população de Itapetininga- SP de 1980 a 1997. *Revista Engenharia Sanitária Ambiental*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 161-188, jul./set. 2002.
8. SILVA, S. R. *O papel do sujeito em relação à água de consumo humano: um estudo na cidade de Vitória-ES*. 2007. 285 f. Tese (Doutorado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos) - Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
9. SOARES, S. R. A.; BERNARDES, R. S.; CORDEIRO NETTO, O. M. Relações entre saneamento, saúde pública e meio ambiente: elementos para a formulação de um modelo de planejamento em saneamento. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1713-1724, 2002.
10. SOUZA, C. M. N. *A Relação Saneamento-Saúde-Ambiente: um estudo sobre discursos setoriais na perspectiva da promoção sa saúde e da prevenção de doenças*. 2007. 113 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007.